

Juventudes Negras e sua representação: identidade e luta contra o racismo com o coletivo de comunicação Ceará Crioulo

Black Youth and their representation: identity and the fight against racism with the Ceará Crioulo communication collective

DOI:10.34117/bjdv7n8-572

Recebimento dos originais: 25/07/2021

Aceitação para publicação: 25/08/2021

Marcel Pereira Pordeus

Mestre em Planejamento e Políticas Públicas

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Endereço: Rua João Melo, 36 - Apto 210 - Bairro Damas. CEP: 60.426-055

E-mail: marcel.pordeus@aluno.uece.br

RESUMO

Neste artigo delimitou-se as juventudes negras por objeto de estudo, haja vista querermos permear a conjuntura de sua identidade e representação social, em suas raízes, estrutura cultural e luta contra o racismo. Para tanto, postulamos que as raízes e o reconhecimento dos conflitos, desigualdades entre raça(s) e etnia(s) não são atuais no Ocidente ou no mundo, ainda assim possuem uma estrada longa e marcada por genocídio(s), violência, lutas por direitos, além de muita resistência; com efeito, tal história não pode ser esquecida, principalmente para aqueles que convivem com a discriminação e o racismo. Desta forma, esta pesquisa se propõe a problematizar as juventudes negras, sua representação na sociedade, o conflito étnico-racial em sua luta diária por validação da identidade e contra o racismo, tendo o coletivo de comunicação Ceará Crioulo uma plataforma com engajamento social que difunde o lugar de fala das juventudes negras em todo o país.

Palavras-Chave: Juventudes Negras, Racismo, Identidade, Ceará Crioulo.

ABSTRACT

In this paper, black youths were defined as the object of study, since that we want to permeate the context of their identity and social representation, in their roots, cultural structure and fight against racism. Therefore, we postulate that the roots and recognition of conflicts, inequalities between race(s) and ethnicity(s) are not current in the West or in the world, yet they have a long road marked by genocide(s), violence, struggles for rights, in addition to a lot of resistance; indeed, this story cannot be forgotten, especially for those who live with discrimination and racism. Thus, this research proposes to problematize black youth, their representation in society, the ethnic-racial conflict in their daily struggle for identity validation and against racism, with the Ceará Crioulo communication collective having a platform with social engagement that spreads the place of speech of black youths across the country.

Keywords: Black Youth, Racism, Identity, Ceará Crioulo.

1 INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA

O “Ceará Criolo” é um coletivo de comunicação ativista que fomenta o contraponto do discurso excludente e evado de segregação das empresas de comunicação sobre a população negra. Para tanto, o Coletivo impõe visibilidade às juventudes negras e categoriza o lugar de desconstrução de discursos clichês, racistas e preconceituosos. Somando-se a isso, o Coletivo percorre os meandros da violência policial contra a negritude; os movimentos sociais e demarca a representação das juventudes negras na mídia, como também as políticas públicas para juventudes negras atualmente (CEARÁ CRIOULO, 2021).

O Ceará Crioulo foi eleito o melhor produto de comunicação para promoção da igualdade racial do Ceará, além de concorrer ao 1º Prêmio MPCE de Jornalismo, com a série Vidas Negras Importam, e ter ganhado o 1º Prêmio Maria Neusa de Jornalismo, com a reportagem “24 candidatos a prefeito em capitais do Nordeste alteram raça; quase metade do branco para negro”, evento fomentado pela agência Alma Preta, que homenageia produtores de conteúdo trans e negros. Desta forma, esse coletivo de comunicação se tornou um mote significativo de pesquisa para analisar as desigualdades e políticas sociais fomentadas no Ceará e outros estados do país para as juventudes negras. A juventude apesar de participar ativamente dos conflitos mais expressivos da comunidade negra, sente as consequências da escravidão e luta contra a supressão da cidadania e Direitos Humanos (RIBEIRO, 2019).

As ações sociais fomentadas pelo coletivo de comunicação Ceará Crioulo são um parâmetro para denunciar e enaltecer as desigualdades existentes com as juventudes negras do Ceará e demais estados do Brasil, elencando o racismo como mote para suprimir e desvalorizar a negritude e identidade negra. Além de promover metodologias educacionais que funcionam para incluir a pessoa negra na sociedade, valorizando a africanidade e pontuando crescimento das juventudes negras do Brasil em seu lugar de fala.

Com efeito, a escolha pela temática Juventudes Negras deveu-se ao fato do pesquisador acompanhar de perto as mazelas sociais inerentes à identidade e luta dos negros no âmbito educacional e fora deste, posto que o racismo adota uma face velada, estrutural e institucional, como também fascista e cruel, que afeta a população negra e reflete em prejuízo a uma cultura fértil em significados. Desta forma, a luta para ser antirracista deve fragmentar o paradigma das discussões em foruns e palestras, haja vista esta dever romper as barreiras do campo virtual e aplicar ações na raiz educacional, na

conjuntura pública e privada de ensino. Posto ser as crianças e as juventudes negras as verdadeiras mudanças na estrutura que forma o pensamento que suprime e discrimina outrém.

2 PROBLEMA

O preconceito e discriminação racial estão disseminados sistematicamente no cotidiano da sociedade brasileira. Nessa conjuntura, Gilroy (2020) em sua obra *Atlântico Negro* percorre os meandros da pureza racial, cultural, de nacionalidade e etnia que elencam a significância do contexto e culturas políticas dos negros do Reino Unido. Desse contexto foi formado um antagonismo cultural que hodiernamente simboliza o preto e o branco. E, na conjuntura de racismo à qual suprime as juventudes negras, refletimos no alicerce do antagonismo que polarizou a superioridade de pessoas por causa da cor da pele, o que nos incita às histórias de sofrimento e resistência vivenciadas pelo povo negro, desde a escravidão até hoje.

Uma questão curiosa é que a sociedade brasileira apesar de ser em sua maioria negra, ainda possui resistência para se assumir como um país negro, no entanto, se consideram pardos, ou seja, há um certo nível de negação. Tal fato foi alimentado com políticas eugenistas, corrente ideológica fomentada por Francis Galton, em 1883, tinha por intuito disseminar a capacidade intelectual como de cunho hereditário. Desta forma, fundamentava o discurso da exclusão dos negros (BLACK, 2003). De acordo com Almeida (2019), em sua obra: *Racismo Estrutural: feminismos plurais*, a negação é um reflexo da desigualdade, um fato que acontece porque o indivíduo não aceita que o deixa em uma posição desconfortável ou vulnerável, que lembra sentimentos ruins, essa é uma forma que nós temos de nos proteger daquilo que causa algum tipo de sofrimento psicológico. A democracia racial, como forma de combater a discriminação e o preconceito racial, surge como um paliativo para a não resolução das desigualdades sociais e econômicas entre negros e brancos, questão que se perdura hodiernamente no cenário mundial.

É possível perceber que apesar do esforço dos antepassados negros e dos seus diversos avanços econômicos, judiciais e sociais relacionados aos direitos civis dos negros, as juventudes negras ainda enfrentam frequentes assédios verbais e recriminações pelos estereótipos feitos pela cor da pele, mesmo esta censura sendo por vezes velada, o que acarreta ataque à formação de uma identidade construída. Consoante Hall (2019), as identidades inferem a um caráter processual e dinâmico, assim como peculiar e global,

enaltecendo suas dinâmicas intrínsecas e aspectos mais genéricos. Nas asseverações de Hall, em sua obra *Cultura e representação*, em seu segundo capítulo denominado: “O espetáculo do outro”, o autor discorre a representação dos estereótipos na naturalização da inferioridade do negro, e expõe como sucederam os elos entre diferença racial, de gênero e sexualidade.

3 MARCO REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil que praticou o Darwinismo social, no qual consistia na crença de que os negros eram uma raça inferior – cientistas da época até estudavam os negros, acreditando que eles eram simplesmente animais – olhavam estes negros em jaulas pelados e estudavam seus costumes e suas práticas sexuais para conseguir analisar uma real diferença entre os negros e brancos. Sendo assim, as teorias científicas tinham como objetivo encontrar razões para que os negros fossem explorados e humilhados, a fim de justificar que por serem menos evoluídos mereciam servir a raça branca, por isso o termo “primitivos” ser normalmente associado aos negros e suas civilizações. Essa falta de respeito deu a liberdade para que os feitores praticassem todo e qualquer tipo de barbaridade com eles e ainda assim possuir a “consciência limpa” (DOMINGUES, SÁ, GLICK, 2003).

Contanto, nesse contexto que normalizou a barbárie e o racismo, presenciamos juventudes negras sendo ativistas e indo contra a grande manipulação das massas para o silenciamento da opinião pública, haja vista estes que reprimem não possuem o poder de controlar o potente uso da tecnologia atual, aliado a isso, houve um movimento social fomentado pelas redes sociais e demais mídias, intitulado de: “Vidas negras importam”, como mencionado, alcançou e ainda alcança diversos países, o que impulsiona as mídias a discutir com mais profundidade sobre os temas relacionados à luta negra e os vários fatores racistas que ainda marcam presença nas rodas de conversa ou até mesmo na abordagem policial. Séries e documentários foram produzidos e popularizados, assim como os outros assuntos mais apagados que ofendem a cultura negra (CEARÁ CRIOULO, 2021).

A internet apesar de ser um local que os indivíduos recorrem para denunciar práticas de racismo com a publicação de vídeos, fotos e textos, o mesmo local é também utilizado por racistas para despejar o seu ódio, xingar e criar movimentos que vão contra os direitos dos negros até então alcançados, como por exemplo as cotas, nas quais são encaradas como um privilégio dos negros, que estes indivíduos brancos e normalmente

de classe média estão sendo prejudicados. Tais discursos que vão contra a uma política pública de igualdade de acesso à educação, fomentam a manutenção de uma casta eugênica que é contra a qualquer ação afirmativa e social. Nesse sentido, percebemos a sublevação de jovens influencers, artistas, filósofos, professores e outros que usam as mídias digitais como plataforma de luta por direitos humanos, cidadania, disseminação de pautas sociais e denúncia de qualquer tipo de discriminação e/ou preconceito, seja racial, por gênero, sexual e xenofóbico, como mencionamos ao longo de nossas assertivas (CEARÁ CRIOULO, 2021).

Nesse contexto, do período escravocrata até aos dias hodiernos, os sujeitos sempre buscaram negociações e sublevações que auferissem igualdade e representatividade, o que em nosso atual contexto contemporâneo, as mídias possibilitam o suporte significativo para que os sujeitos se articulem em suas pautas de luta diária contra a supressão das massas. As juventudes negras hodiernamente encontram suporte em inúmeras inovações tecnológicas, que culminaram para uma troca de informações mais velozes e sem barreiras, que proporcionou aos jovens a possibilidade de buscarem apoio e compartilhem suas experiências, criando desta forma uma rede para perceberem situações racistas que eram vivenciadas desde a infância. Tal contexto prepara a próxima geração para reconhecer e prevenir que seus filhos não façam parte do ciclo de racismo e muito menos seja silenciado pelo medo de denunciar situações de discriminação.

Os jovens negros são discriminados pelo sistema, e, quando mencionamos o termo “sistema”, estamos incluindo a história da discriminação sistemática nas áreas da educação, saúde, emprego e expressão cultural. O estado brasileiro é preconceituoso há muito tempo, posto haver um sistema que mantém as pessoas negras nos setores sociais mais pobres, com menos acesso à educação, a saúde, e a segurança de qualidade. Os negros por sua vez até hoje possuem receio de falarem abertamente sobre sua origem afrodescendente, pois a religião no Brasil foi bastante silenciada, humilhada e demonizada, principalmente pelo catolicismo, que antes era reconhecida como a religião do Brasil, apesar de atualmente o país ser laico, ainda há um estigma com relação as expressões culturais trazidas pelos escravizados.

Nesse contexto, de acordo com Frederickson (1987 apud HALL, 2016),

O argumento histórico contra o homem negro, com base em seu suposto fracasso em desenvolver uma forma de vida civilizada na África, foi fortemente enfatizado. Como retratado nos textos pró-escravidão, o continente africano era, e sempre foi palco de selvageria irrestrita, de canibalismo, de adoração ao diabo e de libertinagem. Foi também lançada uma forma primitiva

de argumento biológico, baseada nas diferenças fisiológicas e anatômicas reais ou imaginárias – especialmente nas características cranianas e nos ângulos faciais – que supostamente explicavam a inferioridade física e mental [...] (FREDERICKSON, 1987, p. 49 apud HALL, 2016, p. 167).

Sobre essa ótica, a exploração e humilhação do indivíduo negro foi costumeiramente adotada e reforçada pela ideia de que os negros eram inferiores, criando um processo de estigmatização sobre a capacidade destes. Nessa perspectiva, em uma discussão sobre o processo de estigmatização, Goffman (2021) discorre que o estigma pode ser considerado uma característica negativa que um sujeito carrega, ou a falta de alguma característica que seria desejada socialmente para este, o que infere diretamente ao estereótipo.

Consoante as postulações do indiano Homi K. Bhabha (2013), em sua obra *O Local da Cultura*, mostra que os estereótipos são um mote significativo para a análise dos objetos, mais do que os próprios objetos em si. De acordo com o autor, o estereótipo não é sintetizado, posto ser uma mera falácia de representação de uma realidade, que forma cenário abstrato. Nessa lógica, é possível considerar que somente uma mudança coletiva poderá produzir resultados positivos para a mudança de paradigmas e o alcance de visibilidade e respeito à cultura negra, posto que as redes sociais e o protagonismo dos jovens negros são o motivo de orgulho para que de fato as pessoas evoluam ao ponto de não precisar produzir um grande esforço para interromper ações racistas na sociedade, pois a sociedade como um todo possui consciência, e o constrangimento sobre essas atitudes iria desincentivar a reincidência do crime de racismo.

No cenário de estereótipos postulados em nossa sociedade, a exemplo do que supracitamos, a representação pela emissora Globo atraiu diversas críticas por lançarem uma novela chamada *Segundo Sol*, com cenário que se passa em Salvador, contanto venderam uma representação diferenciada da cidade, com protagonistas em sua maioria brancos, o que fomentou um whitewashing, termo designado para escala de atores brancos no contexto em deveria haver mais representantes de outras etnias (SHOHAT, STAM, 2006). Tal atitude acarretou como uma forma de rejeição à ancestralidade e a representação da etnia, evidenciando assim a falta de interesse na participação de atores negros e retratação da veridicidade.

Nesse aspecto, na questão de identidades, podemos afirmar que desde a primeira infância as crianças são manipuladas a esconderem sua identidade e agir de forma submissa, isso acaba afetando e enfraquecendo a comunidade negra. Alguns negros para fugir dessa realidade cruel que envolve suas origens, preferem não se manifestar ou até

mesmo afirmar que o racismo não existe mais. Esse posicionamento vindo de um indivíduo negro que conhece de perto a realidade de uma sociedade racista e que discrimina, conseqüentemente diminui as lutas sociais que a militância das juventudes negras gerou e que até hoje persiste.

Deste fato, tal militância dentro de uma narrativa histórica passou a ser disseminada e intensificada no Brasil a partir do final do ano de 1990 e início dos anos 2000. O surgimento desses movimentos permitiu a inserção de alguns jovens como atores frente a defesa de uma pauta dentro de uma sociedade que os negligenciou por décadas. Para compreender o surgimento dessas ações é fundamental pontuar dois momentos cruciais na construção desse novo conjunto de atores sociais, que são eles: o primeiro Encontro Nacional da Juventude Negra (ENJUNE), que foi realizado em âmbito nacional no estado da Bahia; e o segundo momento se traduz no encontro de lançamento do Fórum Nacional de Juventude Negra (FONAJUNE), realizado em 2008 no estado de São Paulo (ENJUNE, 2007).

Esses eventos organizados por iniciativas das juventudes negras foram cruciais para sua inserção como atores sociais, propiciando a possibilidade de reivindicação e proposição de políticas públicas que venham atender as suas demandas, fundamentalmente para a superação das desigualdades raciais que atingem esses indivíduos. Tendo em vista o surgimento e disseminação desses movimentos, podemos entender que as juventudes negras, por meio dos mesmos vem se inserindo na cena pública a partir da elaboração dos eventos já citados, podendo ser configurada como protagonistas emergentes, ao passo que buscam ampliar e reivindicar seus direitos, propondo novas demandas quer sejam elas pautas defendidas pelo Movimento Negro como um todo, ou mesmo exclusivas do movimento juvenil. Esses atores emergentes chamam a atenção principalmente para a percepção acerca do impacto das desigualdades raciais sobre as pessoas negras.

Deste fato, temos muitas questões que motivam os indivíduos a não assumirem que são negros, como por exemplo a vergonha e pouca valorização da raça, a representação histórica e política que contribui para esse sentimento. Ademais, é perceptível que todos os negros passaram ou passam por algum tipo de preconceito, chegando até a violência física por conta da sua cor. As leis são muito frágeis e permitem que o indivíduo que pratica racismo possa praticar outros crimes com pessoas de pele diferente da branca. Consoante Fanon (2008, 1968), quando cita a experiência vivida do

negro, nos remete o olhar do branco racista e imperial sobre o corpo do negro. De acordo com o autor, é “[...] o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

Cialdini (2012) acredita que as ações, costumes e hábitos coletivos são fortes porque são regidas pelo princípio da aprovação social, nosso cérebro de forma automática costuma fazer o que os demais estão fazendo, isso acontece porque quando precisamos tomar algum tipo de decisão difícil, nós nos rendemos a facilidade do exemplo, somos condicionados a contribuir praticando as mesmas atitudes e somos recompensados pela validação social. Tal perspectiva defronta o contraponto de movimentos sociais que fomentam igualdade social, material e de ações afirmativas, por meio de insurgências em mídias sociais e eventos que contemplam a representação racial, a antropologia que criou privilégios aos brancos e ao combate cotidiano da discriminação e preconceito pela cor da pele (RIBEIRO, 2019).

No que tange a participação dos jovens nas lutas sociais, seja por meio das mídias sociais ou fora delas, é visível que eles têm se engajado em debates políticos e em conquistas de reparo às comunidades negras, os quais até hoje sofrem com a violência policial. Com efeito, a violência policial, que gera a morte e prisão indevida de pessoas negras, que são considerados suspeitos somente por conta da cor de sua pele, denota o quadro geral da violência no Brasil, posto que tais fatalidades tem despertado uma indignação daqueles que estão conscientes do grau de injustiça social. Nesse viés, salientamos a questão da cor da pele nesta pesquisa como fator de aversão social, na raiz do racismo estrutural e institucional, que categoriza a negritude e as negritudes em seus lugares de fala (ALMEIDA, 2019; NOAH, 2020).

Ainda no cenário do racismo institucional, muitos indivíduos negros sofrem preconceitos na hora da seleção no mercado de trabalho, por conta das características fenotípicas, como por exemplo o cabelo, que é encarado de forma pejorativa e por vezes os contratantes pedem para que os indivíduos cortem seus cabelos ou escondam, o que é considerado um desrespeito a identidade e origem do indivíduo negro, no entanto, os jovens negros acabam cedendo por uma questão de necessidade de serem aceitos, o que faz com que os mecanismos de rejeição da resistência negra se perpetue tanto visualmente como psicologicamente (ALMEIDA, 2019).

4 CONCLUSÃO

Na conjuntura de nossa pesquisa, além do Ceará Crioulo, é importante destacar que existe um movimento chamado “Juventude Negra contra o Racismo” apoiado pela ONU, assim como muitos outros relevantes, que compartilham informações sobre a luta negra no alcance de direitos, como a inclusão de jovens no mercado de trabalho e incentivo a contratação de indivíduos negros, além da união dos jovens que compartilham as mesmas ideias e buscam diminuir o nível de violência em sua comunidade, discutindo com políticos medidas que não agridam a comunidade com base em estudos e estatísticas (ONU, 2020). Nesse sentido, é possível afirmar categoricamente que a juventude atual apesar de não sofrer a tortura e vexame que os antepassados tiveram que passar para conseguir adquirir os direitos do cidadão, ainda há um vasto espaço a ser alcançado, o que só impulsiona os jovens a batalharem por esse espaço e expor suas identidades e sua história sem constrangimento ou medo.

Em síntese, os conflitos estão presentes e os jovens ainda se sentem inseguros ao andarem nas ruas, por medo de serem confundidos, de não serem aceitos pelo grupo oposto, por não possuírem as características físicas tão enaltecidas pelos padrões de beleza ou até mesmo não passarem em uma entrevista por conta do cabelo – como mencionado – esses são alguns fatores externos que incomodam e fazem parte do cotidiano das juventudes negras no Brasil, com ações racistas que inferiorizam a comunidade negra e cada vez os deixa coagidos, mesmo em um estado democrático de direito, que teoricamente não deveria fazer distinção de cor, raça ou credo. Logo, é perceptível que os jovens atuais possuem uma trajetória que apesar de ser trágica, corresponde a total indignação fundamentada em um passado e presente que suprime e segrega. Deste fato, defendemos que qualquer forma de repressão é inaceitável, porém cabível politicamente, posto que a representação das negritudes (MUNANGA, 2019), das juventudes negras, com sua identidade e valorização de sua cultura devem ser fomentadas para fazer valer a igualdade apregoada em Constituição Federal.

Deste fato, as insurgências das juventudes negras hoje perfazem sua trajetória por meio das mídias sociais com movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2013). Nesse sentido, espaços inclusivos como o coletivo de comunicação Ceará Crioulo surge como um divisor de águas que garante visibilidade e inclusão para a população negra, o que torna as negritudes, as africanidades e os afrossaberes como mote para alavancar as juventudes negras na afirmação e posição de seu lugar de fala (RIBEIRO, 2019).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: Editora Jandaíra. 2019. 192 p.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLACK, E. **A guerra contra os fracos**. São Paulo: A Girafa, 2003. 880 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CEARÁ CRIOULO. [...] **comunicação ancestral com vista para o futuro**, 2021. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CIALDINI, Robert B. **As armas da persuasão**. 1. ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2012. [tradução de Ivo Korytowski]. Disponível em: http://cegosbrasil.net/sites/default/files/as_armas_da_persuasao_-_robert_b._cialdini_21.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas. (Ed.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

ENJUNE. **Relatório Final do 1º Encontro Nacional de Juventude Negra**. Lauro de Freitas, Bahia, mimeo, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** - Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra** - Juiz de Fora: Editora UFJF, 1968. Disponível em: https://www.kilombagem.net.br/wpcontent/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro** - Modernidade e Dupla Consciência - Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/6737606/GILROY_Paul_O_Atlantico_Negro_LIVRO. Acesso em: 27 fev. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. São Paulo: Editora LTC. 2021 (e-book).

HALL, Stuart. O Espetáculo do Outro. In: **Cultura e Representação** - Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15lOyPBHTycW5BHmTxiFQqVBMhbba77X/view?usp=sharing>. Acesso em: 17 jan. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed., Rio de Janeiro: Editora Lamparina. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 4. ed., São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

NOAH, Trevor. **Nascido do crime: Histórias da minha infância na África do Sul**. Campinas: Editora Verus, 2020. 311 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Juventude Negra discutem sobre violência como maior obstáculo para promover avanços**, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/foDM9. Acesso em: 10 fev. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista** / Djamila Ribeiro. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala** / Djamila Ribeiro. 1. ed., São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

SHOHAT Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 536 p.